

## *História e cultura nos estudos Amazônicos: o caso da Manaus na belle époque*

*History and culture in the Amazonian studies: the  
belle époque Manaus case*

Samuel Lucena de Medeiros\*  
Tatiana de Lima Pedrosa Santos\*\*

---

**Resumo:** Este trabalho busca, de forma breve, apresentar uma contextualização do panorama de estudos históricos e o fazer historiográfico ocidental; como as noções de cultura e civilização estiveram relacionadas no devir histórico; as propostas de grupos de estudiosos, para reavaliar os discursos e a forma como se apresentavam os estudos culturais na história tradicional; e como os fenômenos culturais na *belle époque* amazônica estão sendo estudados, na tentativa de se tirar da invisibilidade importantes questões que fogem de discursos hegemônicos. No final, com as considerações, é apresentada uma nova pesquisa, que diz respeito ao consumo de remédios no período da borracha manauara e seus mais variados desdobramentos, tendo como referência três marcas encontradas em trabalho arqueológico. É, portanto, reiterado que

**Abstract:** This work seeks, briefly, to present a contextualization of the panorama of historical studies and the Western historiographic; how the notions of culture and civilization were related in the historical becoming; the proposals of groups of scholars to re-evaluate the discourses and the way in which cultural studies were presented in traditional history; and how the cultural phenomenon in the amazonian belle époque are being studied in an attempt to remove from the invisibility important issues, which escape from hegemonic discourses. At the end, with the considerations, a new research is presented, which refers to the consumption of medicines in the “manauara” period of rubber and its most varied unfolding, having as reference three marks found in archaeological work.

---

\* Mestrando em Ciências Humanas. Bolsista da Capes. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA / Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza. Manaus, Amazonas, Brasil. *E-mail:* samuca\_slm@hotmail.com

\*\* Doutora em História. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas – UEA / Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza; Manaus, Amazonas, Brasil. *E-mail:* tatixpedrosa@yahoo.com.br

a relação entre história e cultura e, no caso das pesquisas interdisciplinares, também da arqueologia e antropologia, apenas acrescenta às investigações culturais atuais.

It is therefore reiterated that the relationship between history and culture and, in the case of interdisciplinary research, also of archeology and anthropology, only adds to the current cultural investigations.

**Palavras-chave:** História. Cultura. Amazônia.

**Keywords:** History; Culture; Amazon

---

### **Uma relação notável: introdução**

A relação entre História e Cultura é notável desde os registros da Antiguidade. Não uma relação que é possível de ser hoje percebida, vista com olhares que diferem, por exemplo, do de Heródoto, considerado por alguns ou como vítima de seu tempo, ou como um etnocêntrico erudito. Ela se dá de lugares distintos: numa instância da História como disciplina que encara fenômenos culturais enquanto objeto; noutra dos campos de estudos culturais que passaram a buscar na História contribuições, ou mesmo criticar suas formas de abordagem.

Estudos com abordagem historiográfica ou semelhante, que buscam compreender questões localizadas em cenários da cultura (comumente chamados etnológicos ou antropológicos) despontam em meados do século XX (SAHLINS, 1999). Contudo, quando se considera a noção de cultura em formação durante séculos anteriores, quando o folclore despertava o interesse de estudiosos que realizaram um extenso levantamento, principalmente na Europa ocidental (CARDOSO; VAINFAS, 1997), pode-se vislumbrar uma ligação que representava um triângulo de interesse, a saber: História, Cultura e Preservação.

Durante os processos de organização, formação e estabelecimento das noções de cultura, não se pode deixar de lado acontecimentos que, ao fazerem parte do contexto sociopolítico, econômico, cultural, entre outros, dos períodos específicos, também constituem o campo sobre o qual se construíram os esforços recentes de se fazer uma “nova historiografia”.

Há, portanto, mais de proximidade que de distância entre esses dois campos que se entrecruzam. Quando se pensa numa forma não

isolada e não objetivista de se abordarem questões de contextos específicos e de historicidade, ainda em vias de exploração, como as que fazem referência à Amazônia, faz-se necessário ter em vista que, este entrecruzamento que se dá nos alcances das disciplinas e de seus pressupostos teórico-metodológicos, existe também nos objetos postos à problematização. Em outras palavras, pode-se dizer que as contribuições dos estudos interdisciplinares engajados na abordagem da cultura e de seus fenômenos, dentre os quais podem ser citados os que se põem a dialogar com a História, a Antropologia, a Sociologia, e até mesmo a Arqueologia, num contexto de Amazônia e suas complexidades (PINTO, 2006), têm crucial importância na consolidação de produção de conhecimentos integrados, futuros frutos de mudanças paulatinamente implantadas.

A relação, portanto, entre História e Cultura (ou estudos em cultura), traz em sua constituição resquícios de mudanças no fazer científico e em sua epistemologia. Pensar nesta relação em contextos amazônicos é, assim, também pensar os trabalhos que, adotando uma visão local a partir dos registros históricos e arqueológicos que lhe fazem referência, lançaram (e ainda lançam) a tentativa de tirar da invisibilidade questões pertinentes e reais, que fogem de discursos hegemônicos e reducionistas.

Uma dessas questões é a que diz acerca do consumo de remédios durante o chamado “período áureo da borracha”, apenas possível de ser mais seguramente levantada a partir da cultura material remanescente, constituída em sua maioria de vidros medicamentosos comercializados no período. Partindo-se de problemáticas, pode-se inferir acerca do consumo, da circulação de bens, acessibilidade, valor simbólico, representação de discursos, entre outros, que fogem do clichê *belle époque* e sua decorrente homogeneização.

Este trabalho, além de buscar mostrar um breve levantamento de estudos feitos sobre a égide da História Cultural (ou Nova História) e suas variadas facetas na Amazônia e Manaus, pretende discutir de que maneira têm podido as considerações por eles levantadas contribuir para a construção de mudanças na visão do período histórico Manauara, que se encontra na transição dos séculos XIX e XX, assim como introduzir o estudo das formas de consumo de remédios e seus alcances no referido período.

## História e cultura: nos caminhos da civilização?

Quando os relatos das guerras e encontros com os “povos bárbaros” nas sociedades clássicas descreveram os estrangeiros, seus autores o faziam a partir de seu arcabouço moldado pela experiência e cultura, sem, no entanto, preocuparem-se em esconder as comparações entre o diferente e o igual, séculos depois transmutados os conceitos para o bárbaro (incivilizado) e o civilizado (com cultura) (CARDOSO, VAINFAS, 1997). Sem procurar, todavia, fazer juízo de valor acerca de tais registros, mas sim considerar os aspectos contextuais de quando foram escritos, são exemplos de um posicionamento recorrente no período formativo do que hoje se pode entender como “sociedade ocidental” (chegando-se ao século dos extremos de Hobsbawm), ou “mundo civilizado”, em detrimento de sociedades enxergadas com a lente externa (LARAIA, 2009), que toma como base suas referências culturais e a partir delas vê o outro como o exótico, diferente e com necessidade de ser civilizado.

Para o cenário da Amazônia, desde o período colonial, foram elaborados planos de civilização, que tinham como objetivo implantar nos trópicos o estilo de vida baseado no europeu, com costumes, crenças e modelos político-econômicos (COSTA, 2013).

Para o europeu que chegava até o imenso verde, o “atraso” da região e suas comunidades se devia, principalmente, pela falta de cultura. Tem-se então que economia e cultura passaram a estar relacionadas, em especial no século XIX, ao devir histórico dos amazônidas. As formas de importação cultural, entretanto, não levavam em consideração o benefício dos habitantes locais, senão que a criação de uma imagem atrativa para a migração e investimento estrangeiro.

A economia da Era dos Impérios foi aquela em que Baku (no Azerbaijão) e a baía de Donets (na Ucrânia) foram integradas à geografia industrial, ao passo que a Europa exportava tanto bens como moças a cidades novas como Johannesburgo e Buenos Aires, e aquela em que teatros de ópera foram erguidos sobre os ossos de índios mortos em cidades nascidas do Boom da borracha a 1600 quilômetros rio acima da foz do Amazonas (HOBSBAWM, 1987, p. 50).

As gêneses das noções de cultura e civilização são muito bem-apresentadas por Elias (1990) ao abordar seu desenvolvimento em contexto francês e alemão. Antes representando o ato de cultivar ou

cuidar de uma porção de terra, *cultura* passa, em meados do século XVI, a ser utilizada como palavra referente ao cuidado e/ou à manutenção de bons costumes e práticas virtuosas. Enquanto para a França monarquista o termo *cultura* mais tinha a ver com o que os alemães consideravam civilização, para a Alemanha representava as conquistas pessoais para além do material, qualidades interiores capazes de ser exteriorizadas pelas artes e erudição.

Para a Amazônia vista pelos viajantes e cronistas que até ela chegavam, tendo seu período ápice de visitas no século XIX (COSTA, 2013), faltava o brilho da civilização, através do qual seria capaz de chegar até os patamares das sociedades da Europa, em especial da francesa e também da inglesa, e cruzar a linha evolutiva da história linear considerada no período. Como exemplo, até a metade do século XIX, a capital do Amazonas era vista como feia e atrasada.

A pequena cidade era cercada por um vasto e rico território, mantinha-se em condição de pobreza, pois não dispunha de braços para explorar suas riquezas naturais; sua população era rarefeita, sua agricultura quase nula e o comércio insignificante (MESQUITA, 2006, p. 53).

Para a então *Manáos* e a Amazônia explorada pelos seringueiros e caucheiros, via-se como necessário que, o mais depressa possível, fosse colocada definitivamente nos “caminhos da civilização”. Isto incluía a aplicação de projetos de modernização, urbanização e até mesmo de favorecimentos de classes sociais específicas, ainda que de forma nebulosa (SAMPAIO, 2016).

### **Fazer historiográfico: retirando a capa da invisibilidade**

É inegável a contribuição que desempenhou a Escola dos Annales no fazer historiográfico do início do século XX. Diferentemente de como vinham caminhando os trabalhos históricos na Europa, até a virada do século, salvo raras exceções (CARDOSO; VAINFAS, 1997), os pontos de enfoque dos trabalhos publicados a partir de 1929 pela revista trouxeram à discussão protagonistas e questões antes deixadas de lado, ainda que existentes.

Thompson (2012), ao falar sobre a classe operária inglesa, pôs em questionamento a então chamada consciência de classe, revisando alguns

pontos da teoria marxista ortodoxa e afirmando que, antes da formação e organização da classe enquanto corpo, cria-se antes a consciência de classe, e o desenrolar histórico mais antigo do que antes se pensara. Mark Bloch e outros também escreveram sobre o cotidiano, trabalho, e grupos sociais esquecidos, caracterizando o que se chamou de História Cultural.

A partir da década de 1940, no cenário acadêmico ocidental aparece a influência das ideias estruturalistas que, sob a figura de pesquisadores como Claude Lévi-Strauss, leva a cabo seu alcance até outros campos de pesquisa. Para os trabalhos em história, feitos neste período (CARDOSO; VAINFAS, 1997), podem ser vistos os elementos característicos do estruturalismo, como a busca por leis gerais, o comportamento humano e padrões em sua cultura, que existem de forma exterior ao ser humano, ou seja, que não dependem dele.<sup>1</sup>

Contudo, após o fervilhamento da onda estruturalista, historiadores e pesquisadores da então história cultural buscaram reavaliar os pressupostos teórico-metodológicos para revisar suas pesquisas, o que se pode notar com clareza, a partir das décadas de 1960 e 1970. A escola de pensamento base para tais trabalhos foi chamada de “Nova História”, ou “Nova História Cultural”. No campo filosófico, o ser humano é visto como criador, e não apenas como pano de fundo das leis abstratas estruturalistas.

*A praxis na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade (humano-social) e que, portanto, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade). A praxis do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade (KOSIK, 1976, p. 222).*

Estudos como de Burke (2010) e Ginzburg (1989), ao falarem sobre cultura popular (folclore) e questões relacionadas à bruxaria, respectivamente, trazem a tentativa de tirar da invisibilidade histórias ligadas a grupos sociais inferiorizados ou excluídos, que estiveram à margem da hegemonia científica anterior, em parte ligada às elites, tanto econômicas quanto acadêmicas.

No Brasil, tem-se, a partir do início do século XX, a publicação dos trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre que, baseados

tanto em contribuições da Escola dos Annales quanto da escola de Antropologia Cultural norte-americana, trazem para o país olhares novos sobre questões antigas, bem como dão abertura para o campo historiográfico-cultural, apenas arrefecido entre as décadas de 1960 e 1980, com as pressões políticas ditatoriais nas produções científicas. Com a restauração das liberdades civis, surge uma nova geração de pesquisadores, ou novos trabalhos da antiga geração censurada são finalmente publicados. Um exemplo da prática do novo fazer historiográfico é o volume organizado por Laura de Mello e Souza, intitulado *História da vida privada no Brasil – cotidiano e vida privada na América portuguesa*, em que apresenta estudos de micro-história, no período colonial brasileiro.

### **História e cultura na *belle époque*: ilusões ou fausto?**

Os fenômenos econômicos, do final do século XIX e sua passagem para o século XX, ficaram, nalguns lugares, conhecidos como da *belle époque*, especialmente na região amazônica, que vivenciou naquele período grande apogeu econômico, modificações no tecido social, no tecido urbano e seus processos de urbanização, entre outros (Figura 1).

Porém, como já assinalava Djalma Batista, a história da Amazônia está como o “enigma da esfinge”, num processo complexo de entrecruzamentos que levam para diversos desdobramentos e, portanto, lugares onde os estudos históricos interdisciplinares relacionados à cultura, apenas recentemente, têm logrado chegar com certo êxito.

A Amazônia, imagem construída fora de seu território propriamente dito, e que começa a existir na mente dos que chegavam para explorá-la (PINTO, 2006; COSTA, 2013), foi também estudada como se externa fosse e distante dos seus habitantes locais, indígenas e caboclos. Grandes clássicos, ensaios sobre a história da Amazônia, com autores como Djalma Batista, André Vidal Araújo, Arthur César Ferreira Reis, Mario Ypiranga Monteiro, entre outros, mesmo com sua contribuição de levantamento documental e referência a trabalhos hoje já desconhecidos, ajudaram a manter discursos hegemônicos construídos em prol de elites.

Quando se fala acerca da *belle époque* na Amazônia e, especificamente tratada neste trabalho, na cidade de Manaus, tem-se em mente as lembranças do período áureo da borracha e de seus remanescentes materiais, em sua maioria de aspecto monumental, que remetem ao

acúmulo de riquezas. Entretanto, as configurações socioculturais, que se deram no referido período, ultrapassam a figura do seringalista e do seringueiro, ainda que esta tenha sido uma das mais exploradas. Enquanto os planos para modernização que transformariam a pequena *Manáos*, na “Paris do trópicos”, eram aplicados; grupos e minorias eram segregados (DIAS, 2007); diferenças eram intensificadas (PINHEIRO, 2015), e normas eram impostas sem qualquer explicação (SAMPAIO, 2016).

**Figura 1** – Avenida Eduardo Ribeiro entre os anos de 1901 e 1902, o auge do período áureo da borracha



Fonte: Album do Amazonas, Manaus: 1901-1902.

Os trabalhos anteriormente citados são apenas alguns exemplos dos que surgiram no intuito de fazer uma história diferente para a região, tentando tirar da invisibilidade questões pertinentes e importantes. Mostram que a ilusão da *belle époque* vem para invisibilizar grupos minoritários, ainda que esta invisibilização seja feita por outra minoria, e por discursos que não fazem referência aos interesses das elites. Na verdade, as ilusões produzidas acerca desse período de transição buscam amenizar as diferenças pungentes, presentes em cada aspecto da sociedade da borracha.

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais (BOURDIEU, 1989, p.11).

O campo das representações também desempenha o papel de terreno para a constituição das relações dialéticas, assim como a materialidade. A arquitetura e os estilos decorativos, trazidos para atender aos padrões vigentes europeus, tornaram os edifícios demonstrativos de seu poder simbólico e de *status* (MESQUITA, 2006); as modificações urbanísticas e a organização da malha do município delimitaram as áreas de habitação, acesso e circulação de classes e grupos específicos, assim como a oferta de serviços e dignidade excluiu as minorias desfavorecidas (DIAS, 2007).

As condições de trabalho e exploração da mão de obra na Manaus da borracha davam motivos para movimentos de greve, protestos e resistência a imposições vindas dos ricos patrões, que quase nenhum esforço tinham para ganhar riquezas (PINHEIRO, 2015); os códigos de postura municipais limitavam, determinavam e proibiam comportamentos, ações e posicionamentos, sempre punindo, indo de encontro ao que não era civilizado ou europeu (SAMPAIO, 2016).

Estes estudos históricos expõem, até certa medida, questões culturais do ponto de vista histórico. Porém, como agir quando se parte de uma abordagem interdisciplinar da Arqueologia Histórica? Assim como os fenômenos abordados nos trabalhos citados, outra possibilidade de reescrever a história amazônica e manauara é a do estudo das formas de consumo de remédios e seus alcances entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX.

Quando os trabalhos arqueológicos de salvamento e escavação foram realizados em 2002, na Catedral Metropolitana de Manaus (Igreja Matriz), dentre os muitos tipos de vestígios materiais encontrados, foi resgatado grande montante de recipientes vítreos de remédio, e que estão sob a guarda do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza (SEC/AM).

Dentre as muitas marcas de remédio encontradas e comercializadas no período da borracha, foram selecionadas três, por razão de terem diferentes produções e origem e, conseqüentemente, preços e alcances diferenciados, a saber: 1-”Leite de Magnesia de Phillips”, 2-”Laboratorio

Francisco Giffoni”, e 3-”Tiro Mortal de Lemos”. A primeira uma marca internacional estrangeira, que mantinha sede no Brasil e comercializava em grande escala, constituindo-se a marca de maior ocorrência nos remanescentes materiais históricos em Manaus; a segunda uma marca nacional com sede no Rio de Janeiro, pertencente a um dos fundadores da Academia Brasileira de Medicina e de amplo investimento em propagandas; e a terceira uma marca local, pertencente à famosa Farmácia Lemos, e de manipulação com produtos regionais.

Tentar entender como circulavam tais remédios entre os grupos sociais da Manaus da borracha é também se aproximar de questões como a cultura do consumo, o acesso fácil ou não (variando com as condições financeiras), as formas de propaganda para maior alcance de consumidores, a formalização dos cuidados com a saúde, entre outros. Para tal, esta pesquisa parte de uma abordagem da Arqueologia Histórica, inerentemente interdisciplinar. A cultura material é vista não apenas como um acréscimo ou apoio aos documentos escritos. Ao contrário, é ela mesma uma documento, do qual se parte como ponto de apoio para desdobramentos na História e Antropologia.

Naturalmente, os traços materialmente inscritos nos artefatos orientam leituras que permitem inferências diretas e imediatas sobre um sem-número de esferas de fenômenos. Assim, a matéria prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante, selam, no objeto, informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedades dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais e semânticos – base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto. Mas, como se trata de inferência, há necessidade, não apenas de uma lógica teórica, mas ainda do suporte de informação externa ao artefato. Maior necessidade, ainda, haverá se reconhecermos que o artefato não é “an inert, passive object, but an interactive agent in sociocultural life and cognition [...] the signification of the artifact resides in both the object as a self-enclosed material fact and in its performative, ‘gestural’ patterns of behavior in relation to space, time and society”. Daí a importância da narrativa e dos discursos sobre o objeto para se inferir o discurso do objeto (MENESES, 1998, p. 3).

Os vidros medicamentosos enquanto objeto do discurso carregam consigo o peso do discurso sobre eles proferidos em sociedade. Dessa forma, sua materialidade pode ser a ponte até sua relativa imaterialidade. Ou seja, de alguma forma participaram das dinâmicas existentes no contexto manauara da *belle époque*, e de uma forma ainda não relatada nos estudos tradicionais.

Esta breve contextualização e breve introdução ao estudo em andamento busca mostrar que perspectivas de pesquisas culturais interdisciplinares na Amazônia apresentam diversos caminhos, e podem levar a uma revisão ou reconstrução da história repassada como encerrada e simplista.

Figura 2 – Exemplo de entrecruzamento de dados na pesquisa



Fonte: Foto e elaboração do autor, em dezembro de 2017.

## Notas

---

<sup>1</sup> Geertz (2008), em seu trabalho *A interpretação das culturas*, traz influências estruturalistas em seu fazer antropológico, mas com algumas ressalvas. Propõe um método que mais tarde seria chamado de

antropologia simbólica ou antropologia interpretativa. Para ele, as melhores pesquisas em campo deveriam ser feitas com descrições densas e pormenorizadas.

## Referências

---

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz.. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda., 1989. (Coleção Memória e Sociedade).
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COSTA, Hideraldo Lima. *Amazônia: cultura, trabalho e luta social*. Manaus: Valer, 2013.
- DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920*. 2. ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.
- HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Trad. de Célia Neves e Alderico Torfóbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MENESES, Ulpiano. *Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público*. *Estudos históricos*, 1998.
- MESQUITA, Otoni. *Manaus: história e arquitetura - 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, 2006.
- NOVAIS, Fernando A. (coord.); MELLO E SOUZA, Laura de (org.). *História da vida privada no Brasil, 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. 3. ed. Manaus: FUA, 2015.
- PINTO, Renan Freitas. *Viagem das ideias*. Manaus: Editora Valer, 2006.
- SAHLINS, Marshall D. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- SAMPAIO, Patrícia Melo. *Posturas municipais: Amazonas (1838-1967)*. Manaus: EDUA, 2016.
- THOMPSON, Edward. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012. v. 1.